

# Quando a experiência acadêmica se transforma em experiência de escrita: memoriais acadêmicos como autobiografias

**Enviado em:**

16/04/2014

**Aprovado em:**

31/05/2014

**Wilton C. L. Silva**

wilton@assis.unesp.br

Universidade Estadual Paulista

---

## **Resumo**

Na tradição acadêmica brasileira a escrita autobiográfica é uma raridade entre intelectuais de diversas áreas, inclusive historiadores, mas em algumas instituições exige-se na progressão de carreira a confecção de memoriais acadêmicos, um tipo de escrita de si na qual se mesclam as trajetórias pessoal e intelectual. Trata-se de material historiográfico rico e pouco explorado, que se oferece como fonte privilegiada para a compreensão de trajetórias individuais, para estudos prosopográficos, para a melhor compreensão dos processos histórico-sociais de formação da vida acadêmica no país, ou ainda para a identificação de mudanças teórico-metodológicas que se expressam nas formas narrativas do fazer historiográfico.

96

## **Palavras-Chave**

Memorial acadêmico; Autobiografia; Escrita de si

## **Abstract**

In the Brazil's academic tradition the autobiographical writing is very rare among intellectuals, including historians, but some institutions require for professional progress one academic memorial, like a type of self-writing which mixes the personal and intellectual trajectories. These texts are rich and unexplored historiographical sources, which are used for understanding individual trajectories, prosopographic studies, historical and social processes of formation in brazilian academic life, or to identify theoretical and methodological changes that are expressed in narrative forms of historiographical works.

## **Keywords**

Academic memorial; Autobiography; Self-writing

## O narrador literário e suas manifestações

“Tudo *que* não invento é falso.” (*Manoel de Barros*)

Na literatura os relatos nos quais autor e personagem são a mesma persona são uma recorrência estilística-literária que permitem múltiplas relações entre autor, personagem e narrador, e a literatura confessional tem um longo passado, tanto como manifestação artística quanto como objeto de análise.

Na literatura brasileira, a autobiografia surge como memorialismo na obra de José de Alencar, *Como e por que sou romancista* (escrita em 1873 e publicada, postumamente, em 1893), e tem na transição do século XIX para o XX o destaque de *Minhas recordações*, de Francisco de Paula Ferreira de Rezende, *Minha vida de menina*, de Helena Morley, e *Minha formação* (1900), de Joaquim Nabuco (único dos três que foi publicado quando escrito, pois os outros dois somente vieram à público na década de 40, do século XX).

Inclusive, em *Como e por que sou romancista*, de José de Alencar, é explorado de forma pioneira a escrita de si na literatura brasileira, introduzindo temas que serão revisitados constantemente nos textos autobiográficos de autores posteriores:

A vida escolar, sua relação e também a de seus familiares com a política, seu trabalho como jornalista, a vida acadêmica, a concepção literária, o processo de escrita e publicação de seus livros, os primeiros contatos com a leitura (Balzac, Alexandre Dumas, Chateaubriand, Victor Hugo, etc), as histórias retratando a vida de homens importantes, entre outros. (BARROS, 2006: 42)

Já nas primeiras décadas do século XX, embora numericamente a produção autobiográfica não seja expressiva, destacam-se obras como *O meu próprio romance* (1931), de Graça Aranha, e *Memórias* (1933) de Humberto de Campos, que graças ao sucesso de seu livro se torna um grande popularizador do gênero.

A década de 40 assistiu à publicação dos textos de Helena Morley e Francisco de Paula Ferreira de Rezende, assim como *Infância* (1945) de Graciliano Ramos e de *Segredos da infância* (1949) de Augusto Meyer, e a década de 50 tem como destaques *Memórias do cárcere* (1953), também de Graciliano Ramos, *Um homem sem profissão* (1954) de Oswald de Andrade, *Itinerário de Pasárgada* (1954) de Manuel Bandeira, *História da minha infância* (1955), o primeiro de cinco volumes das memórias de Gilberto Amado, e *Meus verdes anos* (1956), de

José Lins do Rego.

As décadas de 70 e 80 vão ser o período de edição dos seis volumes das memórias de Pedro Nava (Baú de ossos, Balão cativo, Chão de ferro, Beira-mar, Galo das trevas e O círio perfeito), que vai se apresentar como a grande obra memorialista da literatura nacional, não só por revisitar todos os temas das obras nacionais anteriores no gênero como pela diversidade de recursos lingüísticos e discursivos utilizados pelo narrador.

Essa descrição não se pretende uma linha evolutiva, mas um indicador da manifestação do gênero autobiográfico em uma tradição cultural e intelectual, pois, como assinala Fávero (1999:29):

A presença gradativa dos textos de memórias demonstrou que, para uma tarefa dessa dimensão, a nossa literatura começava a voltar-se rumo a um gênero que apresentava potencial considerável de contribuição nesse campo. Parece, pois, procedente dizer que as memórias pessoais, na medida em que refletiam o meio em que se situava o autor, constituíam uma espécie de força auxiliar da ficção no intuito de mapear a realidade brasileira, mesmo que isto não representasse um projeto específico de atuação.

98

Maciel (2013), por exemplo, afirma a expressividade do gênero memorialístico na literatura enquanto narrativas que

Têm em comum tanto um autor renomado de extensa produção literária quanto as marcas da escrita em forma de memórias: longa cronologia de enredo, caráter auto-promocional, narrador autodiegético, aparente sinceridade e capacidade de apreensão de um entorno histórico. (2013: 552)

Na crítica literária, por sua vez, um exemplo original e pioneiro de experimentação da linguagem auto-reflexiva é o referenciado ensaio Roland Barthes por Roland Barthes, cuja primeira edição é de 1975, no qual o autor, em texto narrativo em primeira pessoa, com elementos confessionais e autobiográficos, subverte os limites entre esses modelos, sendo fragmentário em termos cronológicos e discursivos (mesclando vozes narrativas e desconstruindo o “efeito de realidade”) e iniciando sua narrativa com uma frase esclarecedora: “Tudo isto

deve ser considerado como dito por um personagem de romance.”<sup>1</sup>

No entanto, atualmente ocorre uma inovação na teoria literária se dá pela transposição de elementos do estilo discursivo auto-reflexivo do objeto para a forma de análise, o que reforça a subjetividade da crítica e flexibiliza seus limites.

Exemplo desses exercícios de flexibilização de fronteiras na teoria literária podem ser colhidos em trabalhos como na coletânea de contos “Histórias mal contadas” ou no romance “O Falso Mentiroso” (2004), ambos de Silviano Santiago, nos quais, em diversos contos o autor ficcionaliza seus primeiros contatos com as sociedades francesas e norte-americanas, no romance a vida e a obra do personagem-narrador se confunde em alguns pontos com a vida de seu autor real, de forma proposital, como quando falando sobre seu nascimento o personagem afirma:

Já que voltei a tocar nas circunstâncias do meu nascimento, adianto. Corre ainda uma quinta versão sobre elas. Teria nascido em Formiga, cidade do interior de Minas Gerais. No dia 29 de setembro de 1936. Filho legítimo de Sebastião Santiago e Noêmia Farnese Santiago. A versão é tão inverossímil, que nunca quis explorá-la. Consistente só a data de nascimento. Cola-se à que foi declarada em cartório carioca pelo doutor Eucanaã e Donana. Diante de padrinhos e testemunhas. (SANTIAGO, 2004: 80).

99

Segundo Klinger (2007: 36-37) além do próprio Silviano Santiago também a crítica literária de Denílson Lopes (Nós, os mortos, 1999, e O homem que amava rapazes e outros ensaios, 2002), assim como Francisco Foot Hartman (Trem Fantasma, 1998), Nicolau Sevcenko (Orfeu extático na metrópole, 1998), Davi Arrigucci (Humildade, paixão e morte, 1992) Jomard Muniz de Brito (Atentados Poéticos, 2002) e Ítalo Moriconi (Ana Cristina César, sangue de uma poeta, 1996) seriam exemplos de ensaios que “fogem de uma cientificidade e da precisão metodológica”.

Klinger (2007: 39) referência o termo “ego-literatura” criado por Phillippe Forest, inserindo-a no campo da “escrita de si” que formaria uma constelação biográfica na qual se encontrariam memórias, diários, autobiografias e ficções sobre o eu.

---

1 Entre diversos textos de natureza autobiográfica produzidos por intelectuais do século XX em diante podemos citar, além do já citado Roland Barthes por Roland Barthes (1975), o Diário de Luto (2009) do mesmo autor; Rua de Mão Única, de Walter Benjamin (1928); Circonfissão (1991), de Jacques Derrida; Esboço de auto-análise (2001) de Pierre Bourdieu, o severo crítico das biografias, entre outros casos notáveis ou notórios.

De certa forma a maneira como o processo de subjetivação é incorporado pela crítica literária aproximando-se a todo o tempo da experiência pessoal como fonte de validação teórica não é algo unânime em todas as ciências humanas e em relação a História é quase um tabu.

### **Espelho de tinta: o historiador e a escrita de si**

“Al cabo del tiempo, el historiador se convierte en historia.”  
(Jorge Luis Borges, *Borges Verbal*)

Iglesias (2000) divide a historiografia brasileira em três fases: a primeira, de 1500 até 1838, toma como referências a produção histórica sobre o Brasil da descoberta até a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, que incorporam em sua maior parte a reflexão sobre os processos de colonização, a segunda, de 1838 até 1931, abarca da formação do IHGB, enquanto sinal do esforço de construção de uma identidade nacional no interior do regime monárquico e depuração da pesquisa histórica, até a reforma educacional de Francisco Campos, e a terceira, de 1931 até 1980, mapeando as contribuições mais significativas desde a formação dos cursos superiores nas áreas de ciências humanas no país, inclusive o de História, que permitiram a profissionalização crescente da atividade de pesquisa histórica, até a consolidação dos programas de pós-graduação.

Sem dúvida a historiografia brasileira, quer pelo seu passado que em muitos momentos se propôs a fornecer uma consciência do mundo ou a oferecer um instrumento de transformação social, quer pelo seu presente em que convivem significativas inovações e grandes desafios, pode contribuir para a compreensão de uma realidade diversificada, dinâmica e contraditória que caracteriza a sociedade brasileira ao longo do tempo.

Curiosamente, no entanto, os agentes desse conhecimento nem sempre encontram legitimidade, quer pelas relações de origem de sua área, quer pela forma de desenvolvimento de seu ofício, para incorporar narrativas que contemplem maiores níveis de subjetividade, que não só se fazia ausente como era mesmo indesejado dentro das perspectivas de seus intelectuais e acadêmicos ao longo das décadas do século XIX e XX.

Assim, ao longo do século XX as particularidades da teoria da literatura permitem a discussão das relações entre os processos de subjetivação e a obra literária, desde da discussão sobre autoria até a afirmação crítica da dimensão sócio-

cultural não só da obra mas também de seu significado em diferentes contextos.

Por outro lado, na História, tal temática somente se legitima posteriormente, como nas seguidas reavaliações sobre a legitimidade da biografia e discussões sobre “a escrita da história” e temas afins.

No entanto, no campo historiográfico francês, com ampla penetração na historiografia brasileira, o surgimento do livro “Ensaio de Ego-história”, organizado por Pierre Nora - com a participação de Jacques Le Goff, Georges Duby, Michelle Perrot, René Remond, Maurice Agulhon, Raoul Girardet, Pierre Chaunu, Georges Duby e o próprio organizador – marca a afirmação de uma opção metodológica para explorar as memórias individuais dos autores na busca de cada um explicar a sua própria história e tentar aplicar a si próprio, com procedimentos que tantas vezes lançou sobre os outros.

Na contracapa do livro explica-se:

Que é ego-história? Não se trata de uma autobiografia pretensamente literária, nem de uma profissão de fé abstracta, nem de uma tentativa de psicanálise. O que está em causa é explicar a sua própria história como se fosse de outrem, tentar aplicar a si próprio, seguindo o estilo e os métodos que cada um escolheu, o olhar frio, englobante e explicativo que tantas vezes se lançou sobre os outros. Em resumo, tornar clara, como historiador, a ligação existente entre a história que cada um fez e a história de que cada um é produto. (NORA, 1989: 32)

101

O contraste entre o volume da produção, pelos membros do cânone das áreas de literatura e de história, de autobiografias parece oferecer diferenças significativas, que refletem tanto dinâmicas internas e externas das disciplinas como conjunturas locais.

A constatação da forma como a narrativa autobiográfica é utilizada na construção da memória interna de cada área<sup>2</sup> nos obriga, inevitavelmente, a reconhecer o processo “hagiográfico” na construção da história da historiografia e da teoria literária em geral, quando a idéia romântica do “gênio” sobrevive em diferentes orientações teóricas e metodológicas, ao mesmo tempo em que causam estranhamento, em relação aos historiadores, a ausência de “diários no sentido estreito do termo” e a dificuldade em se falar sobre si mesmo.

Os próprios fundamentos epistemológicos das duas áreas, teoria literária e

---

2 Fournier (2003) identifica a maior presença da biografia intelectual voltada à própria história das ciências sociais entre os anglo-saxões do que entre os franceses (o quer talvez seja um dos fatores que – por irradiação – explique a sua raridade entre os brasileiros também) que tendem somente a focar a história das idéias ou a releitura das obras.

história, situam o indivíduo e sua experiência particular de forma extremamente contrastante: para a teoria literária as características particulares de cada indivíduo enquanto autor se não explicam toda a sua obra são inevitavelmente determinantes em suas características, para a história o ideal do relato objetivo determinado pela proeminência da fonte sobre o narrador torna a questão do vivido quase ilegítima.

Se algumas dessas premissas são discutidas e reavaliadas nas últimas décadas do século XX isso se deve a uma série de questões, desde um diálogo interdisciplinar no qual ocorre a afirmação da dimensão social da obra literária e de seus processos de produção, mediação, recepção e análise crítica, o reconhecimento do teor subjetivo e culturalmente determinado de qualquer texto narrativo e dos processos de inclusão-exclusão que ele envolve, e, finalmente, o redimensionamento da categoria “indivíduo“ pela sua dimensão social e, portanto, ao mesmo tempo particular e representativa.

No entanto, no exercício de ego-história do historiador George Duby, intitulado “O prazer do historiador”, termina com uma confissão de desconforto do autor com o aspecto público dessa auto-reflexão e que resulta em uma exposição asséptica, com ênfase na trajetória pública e institucional, quase um curriculum vitae, mostrando uma dificuldade em se falar de si e uma forma de auto-preservação.

Escrever sobre si mesmo apresenta grandes problemas, e Guimarães (2002), aludindo ao texto de ego-história do autor aponta para o fato de que o historiador Duby

Manifesta o seu desconforto em escrever a sua história, confrontando-se com o dilema de escrever em primeira ou terceira pessoa, tornar a narrativa pessoal ou impessoal, terminando por optar por escrever em primeira pessoa mas decidindo por manter o seu afastamento. No texto, são narradas várias fases de sua vida pública, pois o autor prefere não falar da sua afetividade nem de seus gostos e atividades culturais. A sua trajetória intelectual torna-se a sua ego-história. O historiador, por ofício acostumado a estudar a vida do sujeito em seus vários aspectos e conhecer as diferentes relações sociais que o cercam, opta por ocultar uma significativa parcela de sua vida, resumindo-a à sua trajetória intelectual. [...] O desconforto do autor se explica em parte pela sua própria opção em não se expor, em não tornar pública a sua vida privada, a sua afetividade e outras relações travadas no próprio âmbito público, mas que foram cuidadosamente protegidas (GUIMARÃES, 2002: 2-3).

Roger Chartier (HERNANDEZ,1999: 151) em entrevista na qual foi perguntado sobre os fatores pessoais que lhe aproximaram do estudo da história

respondeu:

No sé si me gusta contestar preguntas demasiado personales. En ello pesan dos razones: en primer lugar, temo lo que Bourdieu llama 'la ilusión biográfica' que construye retrospectivamente una historia de vida coherente, lineal, justificada, olvidando as los azares que transforman la vida o, por el contrario, las determinaciones sociales o familiares que gobiernan las 'elecciones' aparentemente libres. En segundo lugar, pienso que los historiadores deben resistirse a la tentación y las seducciones de la 'ego-historia'. Somos artesanos, miembros de corporaciones o de la República de las Letras. Ni la una ni las otras separaron nunca a los individuos singulares del trabajo o del proyecto común. Es una lección que debemos entender.

E em outra entrevista Chartier vai além, questionando metodologicamente a utilização da ego-história:

Quando Pierre Nora inventou esse conceito de Ego-História, que conduz o historiador a se colocar como objeto do seu discurso, fez algo terrível porque todos os historiadores se precipitaram em contar suas vidas. De fato, a quem se permite fazê-lo? Aos astros do cinema. A grandes esportistas. Aos políticos. No entanto, todos os intelectuais ou todos os professores a quem se pediu para contar sua vida, ficaram contentes. Para eles, isso significava transformar seu status na sociedade. Mas seus textos são, salvo algumas exceções, absolutamente chatos. Como diz Bourdieu, por que pedimos aos historiadores para contar vidas em história? Fora existências como a de Jean-Pierre Vernant, herói da resistência francesa, os outros, os nossos, ordinários e banais, são insignificantes. Eles nos importam, mas não acho que mereçam ser contadas (DIAS, 2005: 267).<sup>3</sup>

103

No entanto, mudanças das perspectivas narrativas ao longo das últimas

---

3 Curiosamente Chartier (1994) reconhece como positiva a introdução da questão do indivíduo na historiografia a partir da micro-história, vertente historiográfica que tem em Carlo Ginzburg e Giovanni Levi alguns de seus maiores expoentes: "De um lado, sensíveis a novas abordagens antropológicas ou sociológicas, os historiadores quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais. Daí resultaram vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares. A "micro-história", inicialmente italiana, hoje espanhola, foi a tradução mais viva dessa transformação da abordagem histórica baseada no recurso a modelos interacionistas ou etnometodológicos. Radicalmente diferente da monografia tradicional, a *microstoria* pretende construir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem. O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as parentelas, as famílias, os indivíduos. (CHARTIER, 1994: 2)

décadas produziram amplas mudanças, como as que Aurell (2006) afirma terem ocorrido na produção da escrita autobiográfica de historiadores, pois novos paradigmas permitiram um “aumento significativo de escritos autoreflexivos (memórias e biografias) de historiadores”, tal qual “uma ‘onda autobiográfica’ entre os pesquisadores da área a partir de 1970, quando passam a utilizar-se de abordagens históricas e historiográficas mais complexas, e estabelecem uma abordagem mais subjetiva em relação a eventos que anteriormente eram analisados a partir de um claro distanciamento metodológico”.<sup>4</sup>

Popkin (2005), por exemplo, não só valoriza a escrita autobiográfica dos historiadores como propõe a utilização de tais relatos como elemento para compreensão dos processos de construção da historiografia, apresentando a partir da influência de Paul Ricoeur uma análise comparativa de textos autobiográficos de historiadores como Edward Gibbon, Henry Adams, Emmanuel Le Roy Ladurie, Peter Gay, Jill Ker Conway, entre outros, para discutir como essa forma de narrativa oferece elementos para a reflexão sobre o desenvolvimento da historiografia, o trabalho do historiador e o gênero narrativo da autobiografia.<sup>5</sup>

104

A tradição historiográfica brasileira, no entanto, se ressentia de obras dessa natureza, exceto pelos livros de Nelson Werneck Sodré (*Memórias de um Soldado*, 1967, *Memórias de um Escritor*, 1970, *A Ofensiva Reacionária*, 1992, e *A Fúria de Calibã*, 1994) e de Boris Fausto (*Negócios e ócios: histórias da imigração*, 1997, e *Memórias de um historiador de domingo*, 2010).

### **A hora e a vez da escrita de si: o memorial acadêmico.**

A escrita de si, “écriture de soi”, termo cunhado por Michel Foucault e

---

4 São exemplos desse tipo de publicação em distintas tradições historiográficas e de especialistas em diversos temas: Arthur R. M. Lower (*My First Seventy-Five Years*, 1967), Sir Keith Hancock (*Professing History*, 1976), Saul Friedländer (*When Memory Comes*, 1979), Pierre Nora (org.) (*Essais d'ego-histoire*, 1987), Hans A. Schmitt (*Lucky Victim: An Ordinary Life in Extraordinary Times, 1933–1946*, 1989), H. Stuart Hughes (*Gentleman Rebel*, 1990), Martin Duberman (*Cures: A Gay Man's Odyssey*, 1991), Georges DUBY (*L'histoire continue*, 1991), Howard Zinn (*You Can't Be Neutral on a Moving Train: A Personal History of Our Times*, 1994), Deirdre McCloskey (*Crossing: A Memoir*, 1999), George L. Mosse (*Confronting History*, 2000), Eric Hobsbawm, (*Interesting Times: a twentieth-Century life*, 2002), John Hope Franklin (*Mirror to America*, 2005), entre outros.

5 Aurell (2008) identifica alguns autores que buscam através da análise da escrita autobiográfica aumentar a compreensão da *escrita da história*, a partir de formulações estruturais que permitiriam interrelacionar história e escrita de si, como Weintraub (1975), Steedman (1992), Gossman (1994) e Hamilton (1994).

que se liga as suas pesquisas sobre a “cultura de si”, compreende uma forma de manifestação discursiva na qual o sujeito se coloca em relação consigo mesmo, englobando manifestações que se distribuem temporalmente desde do epistolário de Sêneca às Confissões de Jean Jacques Rousseau, passando pelas meditações estóicas do imperador Marco Aurélio e pelas Confissões de Santo Agostinho, entre outros, mantendo suas características de discurso construído na primeira pessoa, com ponto de vista totalizador e retrospectivo, no qual alguns eventos significam erro lamentável ou feliz conversão.

No caso dos historiadores o falar de si parece desafiar os referenciais acadêmicos clássicos, ciosos da objetividade narrativa, que estabelecem de forma clara os limites além dos quais se localizam o subjetivo, o impróprio, o inconfessável e o estigmatizado.

Uma manifestação privilegiada da escrita autobiográfica na carreira acadêmica é o memorial, que no labirinto da burocracia universitária é descrito como um documento no qual um professor universitário, com a finalidade de satisfazer exigências de progressão de carreira docente, descreve sua trajetória, com ênfase em suas atividades de pesquisa, com publicações em periódicos indexados, atividades em cursos de pós-graduação, palestras e material didático qualificado, cursos de extensão e demais atividades pertinentes à sua área de atuação.

105

Tal documento é utilizado como critério de avaliação do mérito acadêmico do candidato e na verdade apresenta-se como um dos raros momentos no qual é legítima a fala do intelectual sobre si mesmo.

O memorial acadêmico, nos parece, remete o acadêmico-autor-narrador a uma situação bastante particular ao situá-lo em uma escrita de si, mas que não é o gênero autobiográfico, nem o gênero diarístico, pois embora presente o objetivo de dar forma a uma história do autor entre um fundo histórico-cultural e uma subjetividade específica, sua proposta estabelece um recorte no qual a dimensão pública e profissional ocupa uma centralidade.

Queiroz (1991: 6) afirma que no relato do narrador sobre sua trajetória é possível delinear

As relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence.

Suas confissões, nem próximas de Santo Agostinho, nem de Jean Jacques Rousseau, não ambicionam funcionar como um dispositivo para substituir o olhar do outro como uma força disciplinadora de suas ações e pensamentos, assim como a exercida em uma comunidade pelo olhar do outro, ou como situação catártica que revela movimentos interiores da alma.

O autor-narrador reorganiza as instâncias dicotômicas sujeito-objeto através da inclusão explícita de sua persona como foco de análise, na qual ao mesmo tempo em que o sujeito produz uma manifestação discursiva em que se coloca em relação consigo mesmo esta é mediada pelas exigências de contratualidade, ou seja, as expectativas de um discurso em primeira pessoa como relato crítico de sua trajetória cultural e intelectual, assim como de suas expectativas profissionais e acadêmicas.

Uma das dimensões da escrita autobiográfica acadêmica é a afirmação dos aspectos micros e macros a partir de uma narrativa na qual se mesclam o pessoal e o institucional, em um espaço social de exposição e de compartilhamento da experiência, de forma escrita e documentada, muito distinto, por exemplo, de experiência similar mas distinta, como a entrevista.

106

Na tradição historiográfica brasileira as entrevistas são a forma mais comum de discurso autobiográfico, publicadas eventualmente em revistas acadêmicas, em suplementos culturais ou coletâneas específicas.

Embora possam ser vistas como situações correlatas, onde o acadêmico expõe parte de sua subjetividade, são condicionadas por diversos fatores externos<sup>6</sup>, distintos do memorial que se apresenta enquanto documento escrito e de natureza acadêmica, e com a possibilidade de abordar as vivências do narrador em uma multiplicidade de aspectos, desde os profissionais, enquanto docente, pesquisador, gestor e agente de extensão, até os pessoais, como nas relações cotidianas.

Teoricamente o memorial deve refletir não só os aspectos subjetivos do narrador-acadêmico, mas também os contextos intelectuais nos quais ele se insere, de modo tal que a crise paradigmática sofrida pelas ciências humanas nas últimas

---

6 Os processos de edição e editoração quanto a extensão e forma de transcrição, as nuances aos aspectos abordados ou que determinam quem é entrevistado ou não, a dimensão oral e espontânea da entrevista (em contraste com a dimensão escrita e formal da narrativa autobiográfica), os meios técnicos que pode oferecer diferentes suportes (escrita, som, imagem e audiovisual), a divulgação midiática ou acadêmica, entre outros. Exemplo desse tipo de material, publicado em livro, é Moraes e Rego (2000) que nos dá um exemplo de ego-história através de entrevistas com diversos historiadores brasileiros relatando e discutindo as suas origens, perspectivas teóricas e trajetórias institucionais.

décadas, que se expressam, entre outros aspectos pelo giro lingüístico e pelo retorno da narrativa, devem se fazer sentir na orientação discursiva desses documentos.<sup>7</sup>

Não é uma situação distinta da literatura:

No âmbito da cultura, a literatura é esse imenso reservatório da memória coletiva, canteiro em que ela se elabora com os materiais de que dispõe, arquivo em que ela se fixa e se institui como referência cultural. Ela é assim reconhecida como meio de transmissão dos conteúdos míticos e axiológicos, das maneiras de ser e das maneiras de fazer de uma comunidade, em parte fundadora de sua identidade; nela se depositam e se transformam tanto os modelos da ação (a narrativa) e da representação ('realismo', por exemplo) quanto os modelos das liturgias passionais (como os do amor cortês). Ela propõe – ou impõe, contra sua própria vontade – formas de organização discursiva do sentido e dos valores, interpretadas como hierarquias e exclusões (o 'bom' e o mau gosto). (BERTRAND, 2003: 25)

Em relação ao ambiente escolar, Suarez (2011: 390) percebe que é fundamental afirmação e conservação da memória dos professores sobre suas ações, decisões e itinerários, através da coleta de suas experiências de formação, enquanto conjunto de interpretações, práticas e relações que torna possível a percepção de suas transformações ao longo do tempo.

107

En efecto, las escuelas están cargadas de historias y los docentes muchas veces son a un mismo tiempo sus narradores, los personajes protagónicos de sus tramas y los autores de sus relatos. En ese narrar y ser narrados permanentes, recrean el sentido de la experiencia escolar y, en el mismo movimiento, reconstruyen su identidad como colectivo profesional y laboral. Al contar historias sobre *sus* propias prácticas pedagógicas, sobre los aprendizajes de *esos* alumnos y alumnas, sobre las vicisitudes a las que se enfrentan en *esa* escuela, sobre las estrategias de enseñanza que adoptan y los pensamientos que provocaron horas y horas de actividad escolar, los docentes hablan de sí mismos, de sus trayectorias profesionales y de las formas en que comprenden y llevan adelante su trabajo pedagógico. Y al hablar de sus sueños y realizaciones también nos están relatando aspectos centrales, definitorios y no documentados de la construcción escolar del currículum. Por eso, si conversamos con un grupo de docentes, podremos escuchar historias escolares que los posicionan como enseñantes que hacen escuela y la piensan en términos pedagógicos, que los interpelan como expertos del currículum en acción. Charlar

---

7 Aurell (2008) propõe uma rica relação entre as mudanças de referenciais teórico-metodológicos da historiografia contemporânea, que incorporam as mudanças na prática historiografia a partir dos paradigmas do pós-guerra ("basados en una historia socioeconómica de base cuantitativa y lenguaje científico"), passando pelas propostas pós-modernas (do "giro lingüístico"), e chegando a uma terceira via pela história cultural ("giro cultural"), a serem percebidas nas práticas autobiográficas dos historiadores.

con ellos puede significar una invitación a sumergirnos en relatos que narran experiencias escolares y las sutiles percepciones de quienes las vivieron. Puede ser, asimismo, una oportunidad para comprender el universo policromático de las prácticas individuales y colectivas que recrean vívidamente, en un determinado territorio, los mandatos públicos para la escuela. (SUAREZ, 2011: 392)

O memorial acadêmico apresenta uma dimensão subjetiva que transcende a linguagem dos documentos burocráticos e seus discursos formalizados, de maneira asséptica, cientificamente ponderada e tecnicamente equilibrada que caracterizam a escrita de viés administrativo, ao incorporar uma dimensão narrativa na qual a subjetivação tem maior centralidade.

Em meio ao relato formal de realizações profissionais se fazem visíveis, pela presença ou ausência, dimensões diversas no conjunto caótico de eventos e sentidos atribuídos que formam a existência de acadêmicos e não-acadêmicos, obtendo elementos não só para uma história de vida, mas para uma história profissional e institucional que estão ameaçadas de se perderem nos arquivos burocráticos da universidade.

108

Suarez (2011: 388) enfatiza as significativas particularidades da escola enquanto instituição: a multiplicidade de tarefas e intercâmbios de suas atividades, a sucessão de silêncios e ruídos, seus tempos e ritmos, assim como o convívio de diferentes gerações, sexos, culturas e poderes. Essa instituição, por sua vez, tem uma dimensão burocrática, desenvolve atividades assistencialistas, estabelece sistemas de controle e coerção de seus membros, envolve distintos sentimentos e referências de significados, e práticas de formação intelectual e recreação cultural de forma dinâmica e variada.

O mesmo se poderia dizer da universidade, com suas ambições de formação de mão de obra qualificada, transmissão de uma herança intelectual e espaço de convívio cosmopolita, em meio às atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão.

Essas atividades, particularmente para o docente de instituições públicas, são vivenciadas em meio à expectativas produtivistas, disputas por prestígio, recursos e poder, relações hierárquicas entre os pares, a instituição, os funcionários, os alunos e os orientandos, trocas maiores ou menores com a comunidade em geral, afazeres burocráticos que se mostram necessários, inúteis ou irrelevantes, atividades docentes desenvolvidas com entusiasmo, resignação ou contrariedade, frequência, participação e/ou organização de eventos, debates, mesas-redondas,

congressos, simpósios temáticos, grupos de trabalho, e atividades outras que são uma mistura de vitrine profissional, turismo acadêmico, confraternização grupal, prazer pessoal e purgatório vivencial.<sup>8</sup>

ALBERTI (1991: 75) aponta o fato de que no discurso autobiográfico o autor-narrador-personagem é transformado em um “valor”, uma individualidade interiorizada que se torna única através de seu relato, em contraste com o indivíduo “fato”, signatário do contrato social, pois

A identidade entre autor, narrador e personagem é condição *sine qua non* de uma autobiografia, consubstanciada no pacto autobiográfico: a identidade entre o nome exposto na capa e na folha de rosto (um nome que equivale a uma assinatura) e o nome que o narrador se dá como personagem principal, acrescida, na maioria das vezes, da indicação na capa, na folha de rosto, nas orelhas e na contracapa de que se trata de uma autobiografia.

No caso de intelectuais o determinante bourdieusiano do “nome” ocupa uma centralidade que determina a descrição do percurso entre diversos campos, sistemas e configurações sociais nos quais um discurso profissional e acadêmico garante manter sob controle, ou mesmo afastadas, as dimensões sensíveis e afetivas.

No caso do memorial, esse nome próprio se mostra um designador rígido: o nome próprio é a forma por excelência da imposição arbitrária feita pelos ritos institucionais: a nomeação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferenciadas nas particularidades circunstanciais e nos acidentes individuais, no fluxo e na fluidez das realidades biológicas e sociais. (BOURDIEU, 1996: 79).

Se o nome próprio é para o cidadão a expressão de sua identidade, embora essa dimensão exista para o intelectual no sentido de ser algo universal, em relação ao mundo acadêmico esse nome se projeta como guardião de uma obra, que construída social e historicamente se mostra como reflexo de realizações, vínculos, simpatias, antipatias, apreciações e indiferenças em um espaço relacional bastante delimitado.

É, portanto, em relação ao nome próprio que devem ser situados os

---

<sup>8</sup> Socialmente mais aceito é falar do mel dessas experiências, e o fel só aparece em conversas informais ou quando pelo conjunto da obra e pelos anos de experiência no ofício o professor pode ter o luxo de dar nomes aos bois. FAUSTO (2010: 264), em um dos parágrafos finais de suas memórias, faz um balanço sobre sua formação e sua produção intelectual como historiador no qual parece fazer clara referência aos momentos de desgaste ou tensão não relatados de sua vida acadêmica: “O convívio institucional com os professores me fez ver a preciosidade dos anos passados na reitoria. [...] (Onde havia) um ambiente de solidariedade sem paralelo entre os colegas de trabalho”.

problemas da autobiografia [...] É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de autor: única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito (LEJEUNE, 2008: 23).<sup>9</sup>

Algumas questões a partir do predomínio do nome dizem respeito ao questionamento de que modo uma formação historiográfica seria capaz de modelar uma descrição ou auto-análise, que tipo de trânsito de fronteiras é possível se estabelecer entre o público e o privado, como o narrador administra suas incoerências, fracassos ou estigmas, ou ainda, que relações são possíveis estabelecer entre esses indivíduos e outros indivíduos e grupos de sua rede de relações?

### **(In)conclusões.**

“As coisas tangíveis / tornam-se insensíveis / à palma da mão / Mas  
as coisas findas / muito mais que lindas, / essas ficarão”  
(Carlos Drummond de Andrade)

110

Os interessados em escrita de si, auto-biografismo, história intelectual e questões narrativas, entre outros temas, encontram nesses materiais uma fonte não só rica, mas praticamente inexplorada.

E tal fonte, pela sua extensão e profundidade exige a busca de uma ampliação de questões, perspectivas e métodos do historiador, em um diálogo interdisciplinar dinâmico capaz de traduções e transcrições teóricas e empíricas.

A narrativa do memorial, condicionada por diversos determinantes interiores e exteriores, individuais e coletivos, quer pelos temas que levanta ou omite, quer pelas referências nas quais se espelha, estabelece uma nova relação com a verdade, não pela factualidade, mas pelo seu significado.

Para o historiador a riqueza da análise do memorial está não só na vivência

---

9 LEJEUNE (2008) destaca na autobiografia as dimensões documental e contratual, a primeira derivada de sua temporalidade e representatividade, e a segunda do “contrato de leitura” que permite a fusão entre personagem/narrador/autor. O relato, ainda segundo LEJEUNE, se desenrola a partir de dois eixos, o cronológico e o temático, em que a auto-imagem é fragmentada em muitos aspectos, e na autobiografia, diferentemente do relato, o texto – enquanto ato de comunicação – é construído de forma modelar, na escolha de palavras, do ritmo narrativo e de conteúdos, de modo a criar um padrão delimitado por uma lógica do discurso.

subjetiva daquele que escreve, mas também pelo que representa como forma de comunicação entre individualidades, através da qual o “eu narrado” busca um máximo de significação.

Nesse contexto, a categoria “verdade” se desprende do rigor descritivo e se liga à uma rede intersubjetiva na qual a partir de momentos significativos, e da habilidade em selecioná-los e relacioná-los, estabelecendo-se significados culturalmente compartilhados.

Trata-se de um encontro entre um historiador-autor que aceitou o desafio de abordar suas memórias, e muitas vezes superar os limites do “currículo” pela incorporação da “vida” em sua narrativa, e um historiador-leitor que busca um dialogismo qualitativo, capaz de analisar além dos casos de narcisismo, expiação, costume ou ritual.

Os textos podem ser vistos ao mesmo tempo como um memorial (o exercício acadêmico), uma escrita de si (com o tom memorialista e confessional que a caracteriza) e uma ego-história (por ser uma reflexão a partir de uma perspectiva analítica teoricamente condicionada), sempre como objeto de análise privilegiado de formas de exposição historicamente construídas e instrumentalmente determinadas de certas experiências vivenciadas e compartilhadas.

111

Cada instituição maneja os arquivos onde se guardam os memoriais de uma forma específica, por exemplo, na UNICAMP, como regra geral o memorial era visto apenas como apenso do processo, sendo descartado após aprovação, ou sendo mantido pelo instituto onde se deu o concurso, enquanto na USP, por sua vez, a Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas disponibiliza alguns dos memoriais de seus professores de todos os seus cursos que prestaram concursos de livre-docência e de titularidade no site da instituição ( < <http://fflch.usp.br/memoriais> > ).

Cabe ao pesquisador interessado localizar seus possíveis acervos documentais e encará-lo como fonte para a compreensão de dinâmicas pessoais e institucionais de memória e esquecimento, em meio as complexas relações entre a narrativa autobiográfica, a institucionalização da carreira acadêmica e os modelos narrativos consagrados ou em gestação, a delimitação de redes de relações intelectuais, a caracterização de formas de legitimação grupais e coletivas, e a dinâmica de trânsito teórico-metodológico entre as ciências humanas e a literatura, no que se refere à narrativa autobiográfica e sua dimensão no trabalho intelectual.

Eis um desafio, como já afirmado anteriormente, de um historiador-autor para um historiador-leitor conforme, como disse um poeta, “seu capricho, sua

ilusão, sua miopia”.

### Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”, In: *Estudos Históricos*, FGV, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, p. 66-81, 1991.
- AURELL, Jaume. “Autobiographical Texts As Historiographical Sources: Rereading Fernand Braudel and Annie Kriegel”, In: *Biography*. Hawaii: Biographical Research Center, v. 29, n.3, p. 425-445, Summer, 2006.
- AURELL, Jaume. “Del logocentrismo a la textualidad: la autobiografía académica como intervención historiográfica”, In: *Edad Media Revista de Historia*. Valladolid: Universidad de Valladolid, n. 9, p. 193-222, 2008.
- BARROS, Mariana Luz Pessoa de. *A arquitetura das memórias: um estudo do tempo nos discursos autobiográficos*. 2006. Dissertação de Mestrado em Lingüística. São Paulo: USP, 2006.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: USC, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica, In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, p. 181-191, 1996.
- CHARTIER, Roger. “A História hoje: dúvidas, desafios, proposta”, In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.
- DIAS, Claudete Maria Miranda. Roger Chartier: Entrevista In: *Linguagens, Educação e Sociedade*. Teresina: UFPI, n. 13. jul./dez. p. 137-156, 2005.
- FÁVERO, Afonso Henrique. *Aspectos do memorialismo brasileiro*. 1999. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. FFLCH-USP, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si, In: *O que é um autor?* Portugal: Veja/Passagens, 1992.
- FOURNIER, Marcel. “Para reescrever a biografia de Marcel Mauss...”, In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 18 n. 52, p. 5-13, junho/2003.
- GOSSMAN, Lionel. History as (Auto)Biography: A Revolution in Historiography,

In: DONALDSON-EVANS, Mary. FRAPPIER-MAZUR, Lucienne. PRINCE, Gerald. *Autobiography, Historiography, Rhetoric*. Amsterdam: Rodopi, 1994:103–129.

GUIMARÃES, Valéria Lima. “Em torno da biografia como um gênero histórico: apontamentos para uma reflexão epistemológica” In: *Anais Eletrônicos da X Encontro Regional de História - ANPUH-RJ*, 2002. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Comunicacoes/Guimaraes%20Valeria%20L.doc> visitado em 15/02/2009.

HAMILTON, Paula. *The Knife Edge: Debates about Memory and History*, In: DARIAN-SMITH, Kate. HAMILTON, Paula. *Memory and History in Twentieth Century Australia*. Melbourne: Oxford UP, 1994, p. 9–32.

HERNANDEZ, Juan José Marin. Roger Chartier: entrevista, In: *Revista de Historia de América*. n. 125m, p. 151-160, , Jul. - Dec., 1999. Published by: Pan American Institute of Geography and History Stable Disponível em < <http://www.jstor.org/stable/20140018> > Visitado em 25/09/2009.

IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Belo Horizonte: UFMG, 2000.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

113

LEJEUNE, Phillipe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MACIEL, Sheila Dias. “Sobre a tradição da escrita de memórias no Brasil”, In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013

MORAES, José Geraldo Vinci de. REGO, José Marcio. *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002.

NORA, Pierre. *Ensaio de Ego-história*. Lisboa: Edições 70, 1989.

PALLARES-BURKE, Maria. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: UNESP, 2000.

POPKIN, Jeremy D. “Ego-histoire and Beyond: Contemporary French Historian-Autobiographers”, In: *French Historical Studies*. n. 19, v. 4, p. 1139–1167, 1996.

POPKIN, Jeremy D. “Coordinated Lives: Between Autobiography and Scholarship”, In: *Biography: An Interdisciplinary Quarterly*. n. 24, v. 4, Fall, p. 781–806, 2001.

- POPKIN, Jeremy. *History, Historians and Autobiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo, T A Queiroz, 1991.
- SANTIAGO, Silviano. *O falso mentiroso. Memórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- SILVA, Wilton C. L. *Vida póstuma de um ilustre e desconhecido: a construção biográfica de Clóvis Beviláqua (1859-1944)*. 2014. Tese de Livre-Docência. Assis: UNESP, 2013.
- STEEDMAN, Caroline. History and Autobiography: Different Pasts, In: *Past Tense: Essays on Writing: Autobiography and History*. London: Rivers Oram, 1992:41–50.
- SUÁREZ, Daniel H. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar, In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 27, n.01, p. 387-416, abr. 2011.
- VAINFAS, Ronaldo. “História cultural e historiografia brasileira”, In: *História: Questões & Debates*. Curitiba: UFPR, n. 50:217-235, jan./jun. 2009.
- WEINTRAUB, Karl J. Autobiography and Historical Consciousness, In: *Critical Inquiry*. June:821–848, 1975.